

**VEREADOR VALTER NAGELSTEIN (MDB) – Comunicação de**

Líder: Sr. Presidente; Sras. Vereadoras e Srs. Vereadores; queria falar em tempo de liderança, agradecendo aos meus colegas de bancada, sobre violência e democracia. Primeiro, quero agradecer a manifestação, quase que unânime, desta Casa em virtude das agressões que sofri na quarta-feira da semana passada. Quero agradecer muito especialmente a todos, mas ao Ver. Ricardo Gomes que, embora não sendo do meu partido, mas comprometido, como

são todos aqueles que assinaram a representação, escreveu um texto e buscou a assinatura de um por um aqui dos vereadores, para que façamos uma representação formal. Antes disso, quero tentar explicar para os senhores e para quem está nos assistindo, para o meu eleitor e para o cidadão de modo geral, como eu voto, quando eu voto.

Eu faço ponderações e me faço perguntas. Eu procuro me interar, saber no que eu estou votando, e procuro, a partir disso, ser o mais justo possível. E tomar decisões e fazer escolhas é sempre, ou muitas vezes, um gesto difícil, porque se atende a um lado e não se atende ao outro, mas é preciso, para além de qualquer coisa, estar em paz com a consciência da gente. Esse tema dos servidores é um tema espinhoso, e quando esse tema veio para cá, era um tema difícil. Qual foi a primeira pergunta que eu me fiz? É justo que, numa cidade de 1,5 milhão de habitantes, com um orçamento disponível de R\$ 6 bilhões – porque o orçamento total é R\$ 7,5 bilhões, um R\$ 1,5 bilhão é da saúde –, 50% da riqueza desta Cidade, dos impostos desta Cidade, do orçamento do poder público fique com 30 mil servidores? Volto a dizer: é justo que de 1,5 milhão de pessoas, 50%, ou seja, a metade do orçamento, fique com 30 mil pessoas? Foi a primeira pergunta que eu me fiz. Perguntei mais para mim: é justo que haja 14 mil aposentados, com os quais a cidade gasta R\$ 1 bilhão para tapar o déficit previdenciário, ou seja, 1/6 do seu orçamento, R\$ 1 bilhão? O querido professor Goulart falou aqui da saúde. O orçamento da saúde para todos os hospitais, para todos os postos é de R\$ 1,5 bilhão, e se gasta com o déficit da previdência R\$ 970 milhões por ano. Perguntei mais para mim: é justo que nos últimos anos o comprometimento da receita com a folha tenha crescido quase que 90%, ao passo que a inflação do período tenha sido de 48%? Quando eu respondi a mim mesmo essas questões, eu tomei a minha decisão. É óbvio que eu enxergo, e com todo carinho, os servidores que fizeram um concurso, que têm que ser valorizados, que

têm que ter uma remuneração digna, mas aí entra a questão de justiça, de equidade social. Uma cidade que vai gastar R\$ 3 bilhões com servidores, mas não tem R\$ 1 bilhão para as mais de 70 mil crianças que estão na rede municipal de ensino, para dar uniforme, para manter a escola, para comprar merenda. Então, são R\$ 3 bilhões para os servidores, mas não tem R\$ 1 bilhão para a educação, que é o futuro da nossa sociedade. Vai gastar R\$ 3 bilhões, ou vai investir R\$ 3 bilhões com os servidores, mas não tem R\$ 1,5 bilhão para a saúde? Mais de 700 praças abandonadas, o centro degradado, a sujeira pela Cidade. Tudo isso sai do mesmo lugar, tudo isso sai do orçamento. A partir daí, o vereador vota com a autonomia que a Constituição lhe confere. E o dia em que um vereador, pelo seu voto, que é sagrado e constitucional, não puder mais caminhar na rua; o dia em que qualquer um dos senhores aqui, porque votou de acordo com as suas convicções, de acordo com aquilo que a Constituição, que é a Lei Maior, lhe confere, não puder mais caminhar na rua sem que seja agredido, admoestado, ofendido, cuspidor... Uns encham a boca para falar de machismo, mas uma assessora sua ser empurrada, jogarem urina nela! O dia em que isso acontecer, meus caros colegas, acabou a democracia. Não há mais democracia, não há sentido na democracia. Isso é fascismo. E foi exatamente isso o que aconteceu. Há mais de seis meses eu havia programado uma homenagem a um trabalhador de Porto Alegre que há 64 anos trabalha no Mercado Público, desde os seus dez anos de idade – ele poderia ter se aposentado três vezes nesse período. Os senhores aprovaram aqui um diploma de honra ao mérito a esse trabalhador. Evento apazado, data marcada, ato solene da Câmara Municipal de Vereadores, diploma confeccionado, o cerimonial desta Casa instala lá o som e nós estamos fazendo uma homenagem a esse trabalhador. Entram seis senhoras e começam a gritar. As pessoas que estavam lá reagiram e disseram: “Vocês estão atrapalhando uma homenagem a um trabalhador aqui; por favor, saiam.” Elas saem, vão até a frente da Prefeitura, chamam o Simpa e entra uma horda, uma turba; e por mais de 500 metros perseguem este vereador, empurram, cospem, ofendem, porque não votou de acordo com aquilo que eles queriam. Isso não é democracia, isso é ditadura! Não foi o vereador; foi esta Câmara que foi atingida, foi a democracia que foi atingida. Se tivesse sido um jornalista da Zero Hora, estava na capa da Zero Hora no outro dia! Então é inadmissível, senhores, e é por isso que eu espero que providências sejam tomadas, porque o servidor público tem obrigações, e, dentre as obrigações que tem, além da contraprestação do salário que recebe, que nós temos essa obrigação também, tem a obrigação

constitucional de respeitar as instituições. E isso significa também respeitar o vereador e a sua liberdade de votar de acordo com aquilo que a sua consciência diz e da forma com que deve votar, e ele não pode ser constrangido, porque constranger, empurrar, cuspir, ofender são crimes previstos no Código Penal – é constrangimento e é uma ofensa à democracia na sua essência. Nós não podemos – e eu rogo aos senhores – compactuar com isso. Muito obrigado.

(Texto sem revisão final.)